

JOÃO PAULO ESPINDOLA DOMINGUES

PROFESSOR, ESPECIALISTA EM CIÊNCIAS NATURAIS E LICENCIADO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

RESUMO

O dado artigo versa sobre as possibilidades metodológicas avaliativas em comparação com os exames finais; no qual o autor aponta seu parecer sobre novas possibilidades e processos de avaliação no período de provas finais.

ARTIGO DE OPINIÃO - O PROCESSO AVALIATIVO E OS EXAMES FINAIS

Ao longo do ano escolar nos deparamos com diversas situações relacionadas a aprendizagem. É possível se deparar com aquele estudante muito habilidoso e com extrema facilidade em aprender, decifrar códigos e desvendar enigmas como também podemos nos deparar com aquele que mesmo com todo o esforço possível não consegue compreender instruções, mesmo que seja a mais simples delas.

O ensino da origem do universo, por exemplo, parece demasiadamente abstrato para muitos adultos, o que imaginar então, sobre ensiná-la para crianças na faixa etária dos onze anos? Para ensinar tal conteúdo, o professor de ciências, necessita planejar uma aula atrativa com muitas estratégias, com vídeos, maquetes, ilustrações, para que consiga fazer com que as crianças do 6º ano possam pelo menos imaginar como surgiu o universo dada a abstração do conteúdo em questão. Após pôr em prática o planejamento e as estratégias, é preciso então avaliá-los para obter uma resposta sobre o que e quanto foi aprendido relacionado a esse tema.

Como se sabe há inúmeras alternativas para a avaliação do estudante mas a mais comum é a prova escrita com questões fechadas. Como pode-se notar a esse modelo de avaliação mostra-se muito restritivo pois não pode evidenciar tudo aquilo que o estudante realmente aprendeu, ele apenas apresenta uma pequena parte, de

um todo, que foi posta em prova e não demonstra com clareza o que foi retido, analisado e aprendido, portanto, uma avaliação como a prova escrita fechada não pode ser posta em momentos eventuais durante curtos períodos de tempo (prova mensal e bimestral).

As metodologias rígidas e com pouca flexibilidade podem ser uma ferramenta dúbia no momento de avaliar. A prova escrita fechada, como exemplo dessa metodologia enraizada, e quanto única forma de avaliação não pode garantir a avaliação do conhecimento por completo ou de uma forma mais abrangente do um assunto em voga, ou a falta dele, dados o único momento avaliativo e a falta de flexibilidade dos exercícios, questões, contas, equações, etc., contidos naquela análise.

Para Sanmarti (2002) para que a aprendizagem aconteça de modo significativo deve se oferecer ao aluno atividades diversificadas, e para isso, o professor precisa conhecer diversas técnicas e recursos. Tais recursos também dizem respeito à forma de se avaliar pois a avaliação também compõe o processo de ensinar e aprender.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), critérios de avaliação também devem existir para que possa discutir uma prática escolar que realmente atinja seus objetivos e postula ainda que a avaliação é considerada como elemento favorecedor da melhoria de qualidade da aprendizagem, deixando de funcionar como arma contra o aluno.

Baseando-se nos caracteres da antiga pedagogia e o empedrado método de avaliação pode-se notar que os critérios avaliativos não devem ser mais aqueles tradicionais, autoritários, devem ser centrados no desafio e na busca incessante por melhorias no método de obter respostas, concentradas na aprendizagem e na interatividade entre professor, investigação, aluno.

Ainda de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998):

"Para obter informações em relação aos processos de aprendizagem, é necessário considerar a importância de uma diversidade de instrumentos e

situações, para possibilitar, por um lado, avaliar as diferentes capacidades e conteúdos curriculares em jogo e, por outro lado, contrastar os dados obtidos e observar a transferência das aprendizagens em contextos diferentes."

Partindo desse pressuposto, podemos em uma aula dialogada, por exemplo, coletar os mais variados tipos de conhecimentos e explanações do cotidiano discente. Isso pode informar ao professor inúmeros tipos de compreensões que podem ser atrelados ao conteúdo e utilizados como uma forma de avaliação da aprendizagem dos jovens.

Outra forma pouco convencional entre os professores, exceto os de língua portuguesa, é a avaliação através de textos descritivos, da escrita livre daquilo que ouviram, viram, aprenderam. A redação é um meio que pode trazer informações valiosas em se tratando de determinado assunto, em menor escala que o diálogo dada a restrição que muitos estudantes têm à escrita, todavia a redação descritiva pode mostrar inúmeros aspectos da aprendizagem e pode ser utilizada como um meio avaliativo bastante proveitoso em vários componentes curriculares.

O objetivo básico da avaliação deve ser a apresentação de um diagnóstico real da situação de aprendizagem de cada estudante. De acordo com Dias Sobrinho (2008), a avaliação *"não deve ser dispersiva"*, isto é, *"não pode perder o seu foco principal, para também não perder sua eficácia social e pedagógica"*.

Portanto, na minha opinião, a forma de aplicação de exame final deveria ser revista e adequada às mais diferentes formas de possibilidades levando altamente em consideração a realidade da escola e principalmente do estudante. Relacionado a tudo isso temos também a adequação dos exames finais relacionados com o tempo disponível para poder realiza-lo de melhor maneira possível, pois, é com tempo hábil disponível que se pode criar, adaptar e moldar novas formas de avaliar o jovem na época de exame final.

REFERÊNCIAS

SANMARTI, N. **Didática en las ciências en la educacion primaria**. Madri: Síntesis, 2002.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1998.

DIAS SOBRINHO, José. **O sentido ético da avaliação**. In: APPEL, Emmanuel (Org.). A Universidade na encruzilhada. Universidade: por que e como reformar?, UNESCO/MEC: Brasília, 2008.